

GUATTARI E AS 'FILIAÇÕES'

Regina D. Benevides de Barros

Deleuze, em seu texto 'Pensamento nômade', afirma que nômades "... não são aqueles que se movem à maneira dos migrantes, ao contrário são aqueles que não se movem e que se põem a nomadizar para permanecer no mesmo lugar escapando aos códigos."

O texto refere-se a Nietzsche e sua filosofia e Deleuze, ao final, ressalta que talvez o mais importante em Nietzsche é ele "... ter feito do pensamento uma máquina de guerra, ter feito do pensamento uma potência nômade".

Em outro de seus textos Deleuze fala de seu encontro com Guattari dizendo que este havia mudado sua vida. Aponta justamente para o nomadismo de Guattari, sua inquietude e força criadora.

Havia, com Félix, descoberto como era trabalhar 'entre'. Cada um deixava de ser autor, deixava de ser 'um' e 'devinha' muitos outros. Desenhavam rizomas que resistiam às máquinas binárias, percorrendo linhas que se cruzavam a todo momento.

Pensar rizomas é lidar com as fissuras, rupturas. É ousar dar o 'mergulho caósmico' para que máquinas se desmanchem e outras se constituam.

O rizoma, como bem sabemos, se opõe às árvores que possuem uma estrutura, têm raízes, galhos, cujo ponto de origem é o tronco-centro, com ramos perpetuamente reproduzidos e repartidos.

Essa diferença me parece fundamental quando pensamos nas 'filiações' que muitos querem ter com este tipo de pensamento. As filiações são do tipo arborescente, elas fazem escolas. As escolas têm 'um papa' – que pode ser pai, chefe, mestre –, têm representantes, que falam em nome dos outros, têm discípulos, que almejam chegar a ocupar o lugar de representantes. As escolas marcam territórios, mas, mais do que isso, desqualificam o que é expulso deles. As escolas esterilizam os discípulos, destroem tudo o que de vida e de potência possa acontecer.

As filiações são preocupantes, elas estabelecem rituais mumificados, elas produzem modos de subjetivação serializados garantidos pela identidade entre os membros e pela identificação com o líder. As filiações produzem demanda por mais filiações, elas produzem mercado de bens subjetivos, mas também financeiros, de poder-saber. Elas são expulsivas e reativas, elas estimulam o separatismo e estão apoiadas no ressentimento.

Guattari nos convida não a filiações, mas a 'derivadas'. Algo que possa nos fortalecer no enfrentamento contra os movimentos homogeneizantes que as 'escolas' insistem em fazer.

Não é à toa que 'o partido', 'a psicanálise', 'a psiquiatria', 'a política' foram por ele recusados em suas clausuras totalizantes. Seguir as vias de diferenciação, da heterogênesse foi o desafio que ele sempre se impôs. A luta revolucionária deveria, segundo ele, se ocupar da dicotomia entre produção social e produção desejante. As fronteiras que separam em campos do saber-poder as falas dos especialistas deveriam ser explodidas posto que o inconsciente é agenciamento social e desconhece, portanto, a propriedade privada dos enunciados.

O processo do conhecimento não é feito de objetos que são oferecidos a um sujeito pré-existente. Em cada montagem forja-se o objeto e o sujeito. Este plano de consistência assim constituído se abre aos traços de singularização e às iniciativas criadoras.

Não às filiações, já que elas se assentam nos territórios das verdades cristalizadas, daqueles que falam em 'nome-do-pai'.

Podemos dizer que fundamentalmente a marca de Guattari é o compromisso com as trajetórias singulares e vivas de cada encontro.

Analista, militante, pensador, inquieto ser no mundo, ele sempre se pôs longe dos ancoradouros apaziguantes das certezas científicas ou morais. Ao contrário, sua proposta de um paradigma ético-estético afirmava a diferença, a alteridade, a multiplicidade.

Suas contribuições não se restringem, portanto, a certas especialidades e, muito menos, a certos especialistas. A psicanálise, a análise institucional, a literatura, as artes de forma geral, a ecologia, os movimentos político-sociais, enfim, todos têm muito a aprender com o que Guattari deixou.

Aliás, essas esferas tão comumente separadas em nosso mundo produtor de subjetividades capitalísticas, individualizantes e despotencializadas, sob sua ótica misturavam-se como fragmentos que a cada girada do caleidoscópio compunham novas figuras, novos acontecimentos.

Manter vivo Guattari não é falar em nome dele, é falar através dele, e principalmente derivar a partir dele.